

A história das interrogativas parciais in-situ no português brasileiro em uma perspectiva baseada no uso

The history of Brazilian Portuguese in-situ wh-interrogatives
from a usage-based perspective

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iespecial.23614>

Malte Rosemeyer

É professor assistente no Departamento de Filologia Românica da Universidade de Freiburg, Alemanha. As suas investigações enfocam a variação e as mudanças gramaticais nas línguas românicas atuais e históricas (sobretudo, o espanhol e o português). Em particular, interessa-se pela relevância dos conceitos da linguística baseada no uso (por exemplo, a frequência de uso e o priming) e pela descrição gramatical das línguas.

E-mail: malte.rosemeyer@romanistik.uni-freiburg.de

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5348-561X>

RESUMO

Este artigo enfoca as mudanças nos contextos discursivos e nas funções das interrogativas parciais *in-situ* no português brasileiro (PB), um tema que ainda não foi abordado por estudos prévios. À base da análise de um corpus de cerca de 200 peças de teatro datadas entre 1800 e 2016, o artigo mostra a necessidade de distinguir sobre as interrogativas parciais *in-situ* que dependem ou não sintaticamente do contexto anterior. Embora todos os tipos de interrogativas parciais *in-situ* tenham sofrido um aumento de sua frequência de uso, somente as interrogativas sintaticamente autônomas como *ela foi pra onde?* [V Wh] também experimentaram uma mudança nas suas funções discursivas típicas. Ao longo do tempo, as interrogativas [V Wh] tornaram-se mais frequentes em contextos nos quais a proposição não é derivada do contexto prévio. No entanto, esta mudança não pode ser caracterizada como uma mudança semântica, mas a consolidação de uma função discursiva já existente, ou seja, o uso dessas interrogativas como perguntas retóricas. Proponho que essa mudança não reflete uma mudança no PB falado, mas está limitada ao gênero textual específico das peças de teatro.

Palavras-chave: Português brasileiro. Perguntas. Interrogativas parciais. *in-situ-wh*.

ABSTRACT

This paper focuses on the changes in the discourse contexts and functions of *in-situ wh*-interrogatives in Brazilian Portuguese (BP), a topic that has not yet been described in the existing literature. Using data from a corpus of almost 200 BP theater texts dated between the 19th and 21st century, the paper demonstrates the necessity of distinguishing between *in-situ wh*-interrogatives that are syntactically dependent on the previous context and those that are not. Although all constructional types of *in-situ wh*-interrogatives have become more frequent over time, only syntactically autonomous interrogatives such as *ela foi pra onde?* 'she went where?' [V Wh] display significant changes in their typical discourse functions. Over time, [V Wh] interrogatives have become more frequent in contexts in which their proposition is not derived from the previous context. However, this change does not constitute semantic change but rather the conventionalization of the use of such interrogatives as rhetorical questions. I hypothesize that this change does not reflect a change in spoken BP but rather is restricted to the specific textual genre of theater plays.

Keywords: Brazilian Portuguese. Questions. in-situ-wh.

Introdução

No português brasileiro (PB) atual convivem interrogativas parciais *ex-situ* simples (1a) e clivadas (1b–c), e interrogativas parciais *in-situ* (1d) que podem servir como perguntas, ou seja, para pedir uma informação.

- | | | |
|-----|-------------------------------|--------------------|
| (1) | a. <i>Onde ela foi?</i> | [<i>ex-situ</i>] |
| | b. <i>Onde é que ela foi?</i> | [clivada] |
| | c. <i>Onde que ela foi?</i> | [clivada reduzida] |
| | d. <i>Ela foi (pra) onde?</i> | [<i>in-situ</i>] |

Sabe-se que houve mudanças históricas importantes neste sistema. Primeiro, como nas declarativas, o PB incrementou a frequência de uso dos pronomes plenos sujeitos e se perdeu a ordem VS (DUARTE, 1992; KATO; RAPOSO, 1996; LOPES ROSSI, 1996; KATO; MIOTO, 2005; KATO; RIBEIRO, 2005; 2009; PINHEIRO; MARINS, 2012; KATO, 2014a; b; DE PAULA, 2015, 2017). Portanto, usos como (2) já não são comuns no PB atual.

- | | | |
|-----|---------------|--|
| (2) | <i>Xanto.</i> | <i>Esopo, que escrito é esse, que aí tens?</i> |
| | <i>Esopo.</i> | <i>É a carta da menina.</i> |
| | <i>Xanto.</i> | <i>Como vai ela com o ler?</i> |

(1734, *Esopaida ou vida de Esopo*, Antonio da Silva)

Segundo os estudos citados acima, também documenta-se um incremento da frequência de uso das interrogativas parciais em (1b–d). Por exemplo, os resultados de Lopes Rossi sugerem um forte incremento do uso das interrogativas parciais *in-situ* de 0%, na primeira metade do século XIX, para 36.7%, na segunda metade do século XX.

Neste artigo, analiso este incremento da produtividade sintática das interrogativas parciais *in-situ* em uma perspectiva baseada no uso, num corpus de 198 peças de teatro brasileiras datadas entre 1800 e 2016. Ainda não existe um estudo histórico deste tipo de interrogativas parciais que considere as mudanças possíveis nas funções discursivas. A partir de uma perspectiva funcional sobre a mudança linguística, uma subida na frequência de uso duma construção sempre incorre também a extensão desta construção a novos contextos de uso. Os resultados do artigo demonstram que, efetivamente, o incremento da produtividade sintática das interrogativas parciais *in-situ* está acompanhado de mudanças funcionais deste tipo de interrogativa. Se documenta tanto uma subida na frequência do uso deste tipo de interrogativas em contextos em que a proposição não está ativada quanto uma convencionalização duma função retórica na segunda metade do século XX. Por conseguinte, a

mudança nos usos das interrogativas parciais *in-situ* nas peças teatrais não necessariamente reflete possíveis mudanças no PB falado.

1. A relação entre forma e função no uso das interrogativas parciais *in-situ*

Ao falar das interrogativas parciais *in-situ* é necessário distinguir, entre várias construções relacionadas, que às vezes apresentam um solapamento funcional. No exemplo (3), o falante tem pelo menos três opções de formular a pergunta. Sintaticamente estes tipos de interrogativas parciais são parecidas por causa da posição do pronome interrogativo no final da oração. Note-se que todas as opções têm a mesma função discursiva: pedem a repetição dum constituinte da oração anterior (*as inversões públicas no mercado de imobiliário*).

- | | | |
|-----|--|------------------------|
| (3) | <i>Eu vou falar das inversões públicas no mercado imobiliário.</i> | |
| a. | <i>Vai falar de quê?</i> | [V Wh] |
| b. | <i>Falar de quê?</i> | [V _{nfin} Wh] |
| c. | <i>Inversões de quê?</i> | [X Wh] |

O mecanismo pragmático que possibilita usos como (3a–c) pode ser descrito como a *latência estrutural* (AUER, 2007, p. 105; 2014, p. 14–18), isto é, o procedimento interacional em que "uma parte da fala anterior se incorpora num projeto sintático emergente e entra nesta relação particular entre a fala anterior e a fala emergente que normalmente se chama eclipse" (AUER, 2014, p. 14, a tradução é minha). Em outras palavras, os falantes têm as estruturas sintáticas recém utilizadas em mente e incorporam as suas estruturas sintáticas nelas. A vantagem deste processo é a parcimônia, porque reduz a quantidade da fala expressa. Portanto, os usos das interrogativas parciais em contextos como (3a–c) são ecoicos e não diferem na função pragmática; a única diferença parece ser o nível de explicitação da ligação com o enunciado anterior.

As três construções diferem em relação ao grau de dependência sintática do antecedente. Enquanto as construções [V Wh] não necessariamente dependem sintaticamente do antecedente, as construções [V_{nfin} Wh] e [X Wh] são normalmente ecoicas. Por conseguinte, o uso de [V_{nfin} Wh] é duvidoso e uso de [X Wh] impossível em contextos como (4b–c), porque as interrogativas não têm interpretação sem o contexto sintático completo.¹ De acordo com KATO (2013), a diferença entre os usos ecoicos e não ecoicos da construção [V Wh] em (3a) e (4a) também fica evidente na sua prosódia;

¹ O exemplo (4b) poderia tal vez ser possível devido ao fato de que o verbo auxiliar se pode inferir do uso do infinitivo *falar* (eu agradeço a Marco Antonio Rocha Martins pela sugestão). Se trata dum uso muito ligado à oralidade.

os usos ecoicos recebem uma entonação ascendente e os usos não ecoicos uma entonação descendente.

- (4) *Amanhã vou ir ao Rio.*
 a. *Vai falar de quê?* [V Wh]
 b. *? Falar de quê?* [V_{nfin} Wh]
 c. ** Inversões de quê?* [X Wh]

É somente em alguns contextos limitados que é possível utilizar as construções [V_{nfin} Wh] e [X Wh] em funções não-ecoicas. Nos exemplos (5–6), tirados do corpus histórico de peças teatrais que vai ser introduzido na seção 3, as construções [V_{nfin} Wh] não repetem parte do enunciado anterior e, por conseguinte, têm funções pragmáticas especiais. No exemplo (5), a interrogativa *fazendo o quê???* pede a elaboração de um ponto na conversação anterior que surpreendeu Mariza, a saber, o fato de que Wesley está trancado no banheiro. Da mesma forma, a interrogativa *fazer o quê no caribe?* no exemplo (6) requer a motivação dos conteúdos do enunciado anterior; como indicado na nota cênica (*desdenha*), a Bruxa II não compreende como a Bruxa I poderia ter querido ir para o Caribe. Nos dois casos, as interrogativas criticam de forma implícita o enunciado anterior.

- (5) FLORA - /PAUSA/ *O “Wesley” já chegou???*
 LILY - *Já sim, está trancado no Banheiro...*
 MARIZA - ***Fazendo o quê???***

(1984, *O quarta do casal*, Jorge Gomes de Oliveira)

- (6) Bruxa I - (sonhadora) *Na verdade, eu queria mesmo era ir para o Caribe.*
 Bruxa II - (desdenha) ***Fazer o quê no caribe?***

(1994, *Capitão Galinho*, Carlos Antonholi)

Tais usos são muito incomuns para as construções [X Wh]. A aparente exceção em (7) somente demonstra que nestes contextos as preposições *por* e *pra* não têm já um estado sintático autónomo e formam parte dum pronome interrogativo complexo.

- (7) *Amanhã vou ao Rio.*
 a. *Por quê?*
 b. *Pra quê?*

Como se podem motivar as diferenças interpretativas entre os exemplos expostos até agora? Numa perspectiva da semântica, as interrogativas parciais se dividem em duas partes: a variável interrogativa, expressa por um pronome ou adverbio, e a proposição. Segundo HAMBLIN (1973), o

significado duma pergunta (parcial ou total) como *O que é que o João comprou?* pode ser descrito como a soma das respostas possíveis à pergunta (*O João comprou leite; O João comprou farinha; O João comprou açúcar, ...*). Por conseguinte, uma pergunta sempre implica as possíveis continuações no discurso (cf. também GINZBURG, 1996).

Esta interpretação lança luz sobre a função básica das perguntas: elas não só servem para pedir informação, mas também para estruturar o discurso. Estudos como o de ENGDahl (2006) modelam a contribuição das interrogativas parciais à estrutura do discurso no marco do conceito de "Question under Discussion" (QuD, VON STUTTERHEIM; KLEIN, 1989; VAN KUPPEVELT, 1995; GINZBURG, 1996; ROBERTS, 1998; GINZBURG; SAG, 2001; ROBERTS, 2004; GINZBURG, 2012; BENZ; JASINSKAJA, 2017). A ideia geral deste conceito é de que os enunciados linguísticos servem para introduzir ou elaborar um tema que representa o interesse atual dos interlocutores no discurso. Um enunciado como *Amanhã vou ao Rio* (cf. 7) pode introduzir uma QuD no discurso que não está relacionada como a QuD anterior. O interlocutor integra esta informação no seu conhecimento do mundo. Este processo pode gerar inferências da sua parte. Por exemplo, o interlocutor poderia se perguntar por que o referente sujeito do antecedente vai ao Rio, quanto tempo vai ficar ali, se é a primeira vez que ela vai ao Rio etc. Qualquer dessas perguntas poderia ser expressa explicitamente, e esta transferência da pergunta implícita à pergunta expressa envolveria uma elaboração da QuD atual.

A função de elaboração representa a função discursiva mais típica das perguntas no discurso, como se pode ver no exemplo (8). A característica mais importante desta constelação discursiva é de que a proposição da pergunta pode ser inferida do enunciado anterior. Existe uma relação metonímica entre as ações de comprar um bilhete de avião e realizar uma viagem; tipicamente se assumiria que uma pessoa que compra um bilhete de avião vai realizar uma viagem. Portanto, o ouvinte da pergunta *Onde que você vai?* no contexto (8) normalmente vai supor que a pergunta elabora a QuD relacionada com o enunciado anterior.

- (8) A - *Eu tenho que comprar um bilhete de avião.*
 B - *Onde que você vai?*

Pelo contrário, nos contextos téticos esta inferência não é possível, o que tem impacto na interpretação da função discursiva das interrogativas parciais. Em exemplos como (9), a interrogativa não elabora uma QuD, mas gera uma nova QuD, a saber, a questão da agenda do João para as suas férias. A evidência para a vigência da proposição não deriva do contexto anterior, mas de uma suposição geral do falante ("O João às vezes vai de férias e provavelmente este ano também vai de férias") ou do conhecimento compartilhado entre os falantes, nascido duma conversação anterior.

- (9) [no começo duma chamada telefônica]
Oi João. Onde que você vai passar as férias?

Estas observações indicam uma relação íntima entre o grau de acessibilidade mental da proposição e a função discursiva da interrogativa parcial. O ouvinte de uma interrogativa parcial sempre tentará referir a proposição da interrogativa ao contexto anterior; no caso que isso não seja possível ele vai tratar a interrogativa como uma expressão que estabelece uma nova QuD. No exemplo (8), o falante da interrogativa parcial trata a proposição P da interrogativa ("você vai a algum lugar") como pressuposta, embora tenha somente evidência indireta para a vigência desta proposição. Daí que o ouvinte da interrogativa precisa acomodar esta pressuposição; ele tem que inferir que o falante assume P porque inferiu P da sua asserção *eu tenho que comprar um bilhete de avião*. Estes processos de negociação da estrutura discursiva são muito convencionais.

Qual é a influência da posição do constituinte interrogativo, isto é, a diferença entre as construções *ex-situ* e *in-situ*, nestes processos? Fiengo (2009, p. 47) distingue entre a 'incompletude formal' (*formal incompleteness*) e a 'incompletude no ato de fala' (*incompleteness in the speech act*). O conceito da incompletude formal refere-se à situação na qual o falante se apresenta como incapaz, num modo particular, de completar a proposição; uma interrogativa como *O que você quer?* Indica, por causa da presença de uma variável linguística (*o que*), que o falante não pode dizer o que o ouvinte quer. É por essa incompletude formal óbvia que a interrogativa tem os efeitos pragmáticos de pedir informação e influir na estrutura discursiva. As interrogativas parciais *in-situ* também expressam uma incompletude, que Fiengo caracteriza como incompletude no ato de fala; o falante se apresenta como incapaz de completar o ato de fala, isto é, a asserção (ibid.). Por exemplo, a interrogativa *Você quer o quê?* num contexto ecoico é formalmente a repetição da asserção anterior, mas a introdução do constituinte interrogativo *o quê* sinaliza a incapacidade de o falante produzir a repetição. Este fracasso ostensivo causa, em virtude do princípio griceano da cooperação entre os falantes (GRICE, 1975), que o ouvinte se sinta obrigado a preencher a variável linguística expressa pelo constituinte interrogativo.

Este mecanismo gera os efeitos pragmáticos nos exemplos (5)–(6) (*Fazendo o quê???* e *Fazer o quê no Caribe?*). Nestes exemplos, o falante se apresenta como incapaz de completar uma asserção que não é repetida, mas inferida do contexto ("Wesley tem que estar fazendo algo no banheiro" e "Alguém vai ao Caribe para fazer algo"). O ouvinte tem que reconstruir essas inferências para poder interpretar a interrogativa parcial como relacionada com a oração anterior. Por conseguinte, a proposição inferida é apresentada como indispensável para a verificação da verdade do antecedente; o falante sinaliza que por não ser capaz de complementar uma asserção que explicaria a proposição expressa pelo antecedente, ele precisa de uma resposta a esta pergunta antes de aceitar a proposição expressa pelo antecedente. Por exemplo, em (6) a avaliação crítica da Bruxa II do Caribe se baseia na

sua crença de que no Caribe não se pode fazer nada; para ela poder aceitar a asserção da Bruxa I, que quer ir para o Caribe, a Bruxa I primeiro tem que explicar o que ela vai fazer no Caribe. A função discursiva de elaboração do discurso deriva desta crítica implícita.

Na seção 4, vou apresentar outras funções discursivas das interrogativas parciais que podem ser caracterizadas em termos da teoria de QuD. Por exemplo, a função discursiva de pergunta retórica se gera em contextos nos quais o interlocutor trata a resposta como óbvia e, por conseguinte, não existe necessidade de pronunciar-se a pergunta (10). Por isso, as perguntas retóricas tipicamente servem para qualificar o enunciado anterior (em 10, B expressa que as mentiras de Trump não deveriam surpreender A porque acha que todos os políticos mentem). Em termos da teoria de QuD, as perguntas retóricas servem para estabelecer uma nova QuD que frequentemente abstrai do conteúdo do enunciado anterior.

- (10) A - *Acabei de ler que Trump mentiu 3.001 vezes desde que é presidente!*
 B - *Quando os políticos não mentem?*

A partir das noções sobre a pragmática das interrogativas parciais *in-situ* desenvolvidas acima se podem formular três hipóteses sobre as mudanças históricas no uso deste tipo de interrogativas parciais no PB. Primeiro, a extensão da frequência de uso das interrogativas parciais *in-situ* documentada pelos estudos citados na introdução deste artigo sugere também uma extensão dos contextos de uso dessa construção; se compararmos o uso das interrogativas parciais *in-situ* no PB com outras línguas românicas como o espanhol se constata diferenças importantes. No PB atual, é possível usar as interrogativas parciais *in-situ* [V Wh] em contextos téticos, como (11a), um exemplo da minha própria experiência em que uma mulher ligou ao seu marido, que é motorista.² Tal como fica evidente na tradução para o espanhol (11b), este uso é muito incomum e talvez não gramatical no espanhol. Em (12)–(13) há outros exemplos do PB muito claros do corpus das peças de teatro.

- (11) [no começo de uma chamada telefônica]
 a. *Oi João! Você vai para onde agora?*
 b. *??? Hola João! Vas adónde ahora?*
- (12) *VERA - O fato é que isso nos bastou a todos, até agora: a idéia medíocre de que viemos de um pai e de uma mãe, nós mesmo somos pai e mãe... (O telefone toca,*

² No entanto, Pires e Taylor (2007) afirmam que o uso das interrogativas parciais *in-situ* é geralmente excluído nos contextos 'out-of-the-blue'. Possivelmente, o uso da interrogativa *in-situ* no exemplo (11) é lícito porque a senhora podia assumir que o seu marido estava no carro por ser motorista. Mas isso não muda o fato de que a proposição não tenha sido mencionada no contexto anterior.

ela vai atender. Mário presta vaga atenção, depois começa a ler.) Alô. Chico. Você está falando de onde? Oh, Chico, meu filho, São Paulo ainda?

(1977, *É*, Millôr Fernandes)

- (13) *CASA DE CÔMODOS – Quarto com uma cama, 2 cadeiras, 1 abajur, 1 tapete de pé de cama, quadros, cabides com roupas, etc.*

SHIRLEY - (Deitada na cama, fumando um cigarro, quando alguém bate a [sic] porta) Entra. A porta está aberta.

*BETO - (Entrando) Posso saber qual o motivo dessa pequena reunião? **Vamos discutir sobre o quê?** Política, sexo ou sobre a novelas das 8?*

SHIRLEY ,- Ora, deixe de piadinhas que a coisa é séria. Chamei você, Silvia e o Ricardo para discutirmos sobre algo que está nos atingindo, ou melhor, atingindo toda a sociedade, o país, o universo.

(1989, *Efeitos colaterais*, Romário Machado)

Segundo, as interrogativas [V Wh] podem ser utilizadas para pedir a repetição de um constituinte e também para elaborar a QuD (cf. 14–15). Tal como no português, o exemplo (14) receberia uma entonação ascendente e o exemplo (15) uma entonação descendente. Isto é importante porque os usos de elaboração poderiam ser considerados como contextos de ponte (DIEWALD, 2002; HEINE, 2002; DIEWALD, 2006) na extensão do domínio funcional das interrogativas parciais *in-situ*; são os primeiros contextos nos quais este tipo de interrogativa pede informação proposicional e, por conseguinte, nestes contextos o seu uso se assemelha ao uso das interrogativas parciais *ex-situ*.

- (14) A: *Dicen que [xxx]*

'Dizem que...'

B: *¿Dicen qué?*

'Dizem o quê?'

- (15) A: *Ana y Susana fueron ayer de compras. ¿Ana se compró una falda preciosa!*

'A Ana e a Susana foram ontem às compras. A Ana comprou uma saia lindíssima!'

B: *¿Y Susana se compró qué?*

'E a Susana comprou o quê?'

(BIEZMA, 2018, as traduções são minhas)

Terceiro, as construções [V_{nfin} Wh] e [X Wh], pelo fato de dependerem muito mais na sua estrutura sintática do antecedente, têm um potencial muito reduzido da extensão funcional. Como sempre precisam de um antecedente, não é de se esperar que estas construções se estendam aos contextos de uso associados com o uso das interrogativas *ex-situ*.

As três hipóteses estabelecidas nesta seção foram testadas num estudo dos usos destas construções num corpus diacrônico, que será apresentado na próxima seção.

2. Dados

2.1 O corpus

As análises relatadas neste artigo foram efetuadas à base de um corpus de peças de teatro escritas por brasileiros. Limitei os dados a este gênero textual porque as peças de teatro são o único gênero textual que contêm exemplos de discurso direto de quantidade suficiente e que também tem documentação ininterrupta desde o século XIX até hoje. É necessário referir, porém, que esta restrição a peças de teatro não exclui a possibilidade de que as mudanças na frequência das interrogativas parciais se devam a mudanças estilísticas deste gênero textual. É muito provável, em especial, que ao longo do tempo as peças de teatro possam ter se aproximado mais ao uso da língua oral, fenômeno muito usual nos gêneros textuais das línguas indo-europeias (KABATEK, 2013). Por conseguinte, vou assumir que as mudanças nas frequências de uso de uma construção são uma evidência menos forte para a sua gramaticalização que mudanças nos seus contextos de uso.

O corpus de peças de teatro foi construído com base em textos acessíveis em corpus existentes e bases de dados eletrônicas.³ As peças de teatro são datadas entre 1800 e 2016. A Tabela 1 resume a distribuição destes dados. Cabe assinalar que o tamanho do corpus transcende o tamanho de amostras utilizadas de todos os estudos anteriores sobre este tema.

Tabela 1 – Resumo do corpus de peças de teatro.

	XIX	XX	XXI	Total
<i>n</i> _{palavras}	787,015	740,389	947,900	2,482,610
<i>n</i> _{peças}	82	63	153	298

2.2 A extração dos dados

Num primeiro passo, todas as ocorrências das construções de interrogativas parciais no corpus foram extraídas utilizando as expressões regulares: a pesquisa identificou todas as ocorrências dos pronomes ou advérbios interrogativos em (16) em orações que terminam como um ponto de interrogação. Esta busca foi realizada utilizando expressões regulares complexas.

³ A lista das peças de teatro usadas está acessível num repositório online (ROSEMEYER, 2019).

- (16) (a) *onde, cadê, como, porque/porquê, qual, quais, quando, quanta(s), quanto(s), (o/p(a)ra/por) que/quê, quem*

Esta extração rendeu mais que 34,000 ocorrências, das quais eliminei todas as ocorrências nas quais as palavras em (15) foram complementadores, e todas as ocorrências no discurso indireto e nas ilhas sintáticas, que excluem o uso das interrogativas parciais *in-situ* (OUSHIRO, 2011, p. 56-67). Como resultado deste processo de extração e tabulação de dados obtive um corpus de $n=18,903$ ocorrências de interrogativas parciais diretas. Destas $n=18,904$ ocorrências, somente $n=392$ ocorrências podem ser classificadas como interrogativas parciais *in-situ*. A análise apresentada na seção seguinte se baseia nestas $n=392$ ocorrências.

3. Análise

Nesta apresentação da análise, vou descrever primeiro as funções discursivas das interrogativas parciais *in-situ* no corpus de peças de teatro (seção 3.1) e segundo as mudanças na distribuição dos três tipos de interrogativas parciais *in-situ* ([V Wh], [V_{nm} Wh] e [X Wh]) e nas suas funções discursivas (seção 4.2).

3.1 As funções discursivas das interrogativas parciais *in-situ* no corpus das peças de teatro

Vou distinguir seis funções discursivas das interrogativas parciais *in-situ* nos dados: funções de referência anafórica (repetição e desafio), funções retóricas (pergunta retórica e *outloud*) e funções de solicitação de informação (elaboração e novo tema). A análise qualitativa relatada nesta seção vai mostrar que quase cada tipo de interrogativa parcial *in-situ* pode ocorrer em cada função. Vou descrever cada função com o primeiro exemplo atestado no corpus de cada tipo construtivo.

As funções de referência anafórica se caracterizam pelo fato de que o falante ou pede informação sobre um elemento linguístico mencionado no discurso anterior ou critica a asserção na qual se situa o elemento linguístico.

Em (17)–(19), dou alguns casos das funções de repetição (já descrita em, por exemplo, FIENGO, 2009, p.76). O formato das citações corresponde ao formato nos textos originais. O antecedente relevante de cada interrogativa está marcado em sublinhado. Nestes exemplos, os falantes pedem a identificação dum referente. Pela grande importância deste tipo de informação para a progressão do discurso, os falantes tipicamente convidam a mudança de turno e, portanto, uma resposta (também no

exemplo (18), mesmo que o discurso do interlocutor no telefone não se apresente). A interpretação de repetição se deriva do fato de que tanto a proposição da interrogativa como o referente do pronome/advérbio interrogativo tenham sido ativados no discurso anterior. No entanto, o emissor da interrogativa ainda não percebeu ou compreendeu o referente do pronome/advérbio interrogativo.

- (17) *RIBEIRO - Ora Deus esteja... (Estaca ao ver Rosália fechando o móvel).*
ROSÁLIA (Voltando-se). - Esteja aonde? arrependeu-se?
RIBEIRO - Nada... é que...

(1888, *A almanjarra*, Artur Azevedo)

- (18) *O TELEFONE TORNA A TOCAR.*
JERÔNIMO - Pergunte apenas se foi o dianteiro ou o traseiro, Altamiro!
ALTAMIRO - Mansão do... Oh, sim, só um minuto. Senhor Graciliano, é o ...
GRACILIANO - Já sei. Diga, Duarte, o que houve agora? Carburador?
Caramba! Chamar quem? Ah, sim, também acho melhor. Mas venha voando!
(desliga)

(2009, *Seria cômico*, Jomar Magalhães)

- (19) *PEDRO - Disse a sr. moço Eduardo, a casa estava cheia de gente, disse que Sr. Vasconelos é um... nome muito ruim!*
VASCONCELOS -Um que, moleque?
PEDRO - Um pinga!

(1857, *O demônio familiar*, José de Alencar)

Outra função, já descrita em trabalhos anteriores sobre outras línguas indo-europeias (KOSHIK, 2003; HEINEMANN, 2008; FIENGO, 2009, p. 77; REYNOLDS, 2011; CHERNOVA, 2015, p. 166; CEROVIĆ, 2016) é a função de desafio interacional. Os casos em (20–22) se assemelham aos casos em (17)–(19) acerca dos parâmetros de ativação da proposição e do referente do pronome/advérbio interrogativo. Contudo, diferem no conhecimento do falante da interrogativa sobre o referente do pronome/advérbio interrogativo; ele percebeu e compreendeu o referente, e este fato fica evidente também ao ouvinte da interrogativa. Por conseguinte, a interrogativa no grupo de exemplos (20)–(22) não se interpreta como pergunta, mas como crítica do antecedente; a "pergunta" sobre um fato que já se compreendeu é redundante e viola o princípio de cooperação griceano.

- (20) *JANICE - (PARA AMÉLIA) é corrupto.*
AMÉLIA - (CORTANDO) É o que? O quê que ele é?
JANICE - Corrupto mamãe, corrupto... a senhora não sabe o que é isso?
 (1987, *Tropicália*, Aziz Bajor)
- (21) *DONA EUDÓXIA - Coitada da Maria das Dores!*
DONA SINFONIA - Coitada quê, Dona Eudóxia? Coitado do Matias!
DONA EUDÓXIA - Ele era muito bruto.
 (1919, *A casa fechada*, Roberto Gomes)
- (22) *PRIMEIRO - Muito bem!*
SEGUNDO - Muito bem, o que? Eu estou te contrariando, e você ainda vem me dizer muito bem???
 (1979, *A vaca surrealista*, Jair Antônio Alves)

Dois funções discursivas têm sobretudo um valor retórico; as perguntas *outloud* e as perguntas retóricas no sentido estrito. As perguntas *outloud*, definidas por exemplo em Stivers e Enfield (2016, p. 2623), são perguntas que não parecem ter destinatário e que muitas vezes são pronunciadas em voz baixa (cf. 23–24).⁴ Na classificação das funções discursivas proposta neste artigo, as perguntas *outloud* serão consideradas perguntas retóricas, porque não pedem nenhuma informação do ouvinte nem pressupõem a existência do ouvinte. É de se notar que não tem casos das construções [X Wh] nesta função.

- (23) *LÚCIA - É um pouquinho d'água com vinagre.*
Molha-se o lenço... assim... É coisa santa;
Não tenha medo; aplique-o sobre as fontes. Ensinou-me... quem mesmo?
nem me lembro.
 (1870, *O poeta e a inquisição*, Gonçalves de Magalhães)
- (24) *MATILDE - [...] Mentir então, mentir ainda; sempre mentir! Ah! morrerá! É mais simples e mais legal! Morrer como? A minha morte, como a minha vida, não me pertence.*
 (1865, *Suplício de uma mulher*, Machado de Assis)

⁴ Em onze casos, os escritores utilizam elementos ortográficos como as reticências (veja-se o exemplo 22) para indicar uma pausa prosódica entre o verbo e o constituinte interrogativo. Não parece ter uma relação clara entre estes usos e nem o ano de redação do texto nem a função discursiva.

As perguntas retóricas no sentido estrito (25–27) diferem das perguntas *outloud* no fato de não pedirem resposta por parte do ouvinte da pergunta. No exemplo (25), a pergunta *envergonhar-me de quê?* indica que o juiz acha que não tem que se envergonhar de nada. Embora o escrivão poderia optar por lhe responder, seria uma reação não preferida.

- (25) *ESCRIVÃO - Vossa Senhoria não se envergonha, sendo um juiz de paz?*
JUIZ - Envergonhar-me de quê? O senhor ainda está muito de cor. Aqui para nós, que ninguém nos ouve, quantos juizes de direito há por estas comarcas que não sabem aonde têm sua mão direita, quanto mais juizes de paz... E além disso, cada um faz o que sabe.

(1837, *O juiz de paz da roça*, Martins Pena)

- (26) *EURICÃO - Mando na frente meu criado Pinhão, homem de toda confiança...*
PINHÃO - Obrigado!
*EURICÃO - ...para avisá-lo de minha chegada aí. **Aí aonde?** Eudoro Vicente pensa que, pelo simples fato de ter hospedado minha filha, eu estou obrigado a hospedá-lo? Ele convidou Margarida porque quis, que não convidei ninguém!*

(1964, *O santo e a porca*, Ariano Suassuna)

- (27) *ABELARDO II - Os soldados são patriotas! Os soldados amam o Brasil. Viva o Brasil!*
*ABELARDO I - Mas o Brasil não ama os seus soldados! **Eles ganham o quê por mês?** Para defender os que ganham vinte contos por semana como o Americano!*

(1937, *O rei da vela*, Oswald de Andrade)

Outro aspecto importante na descrição tanto das perguntas *outloud* como das retóricas é que estas funções discursivas não parecem depender do grau de ativação da proposição da interrogativa. Por exemplo, a proposição em (25) foi mencionada no discurso anterior. Pelo contrário, a proposição no exemplo (27) é nova e não foi mencionada. De fato, $n=73$ das $n=88$ perguntas retóricas no corpus de peças de teatro ocorrem em contextos em que a proposição não está ativada. Há dois outros exemplos típicos de perguntas retóricas em (28–29) que ilustram este fato, de grande importância para a interpretação das mudanças históricas documentadas na seção 4.2.

- (28) *LEO - [...] E quando tirei o pau do cu dele, vi a camisinha toda lambuzada de merda... Um fedor do caralho. Quase vomitei. E a bicha lá com aquele cu arrombado zuando com a minha cara. **“Você queria que saísse o quê, meu bem? Filé mignon?”** Porra, não agüentei.*

(1994, *O beço*, Julio Carrara)

- (29) *FILHA*- *Você só tem revista de mulher nua?*
PAI- ***E você queria o quê?*** *Que eu tivesse aí um monte de Revistas repletas de homem nu?*

(2003, *Pai por acaso, filha por acidente*, Romário Machado)

Também se documentam funções de referência catafórica no corpus de peças de teatro. Nestas funções discursivas, as interrogativas parciais *in-situ* servem para avançar a QuD, ou seja, o tema do discurso. As perguntas de elaboração, já descritas na seção 2, e ilustradas nos exemplos (5)–(6), e muito frequentes nos dados, servem para desenvolver uma pergunta relacionada com o antecedente que o falante derivou do antecedente em base duma inferência pragmática. Assim, no exemplo (30), a asserção de Lídia (*Eu vou-me embora*) causa a inferência de parte de Olegário que Lídia vai a algum lugar específico. Essa inferência, por sua vez, leva Olegário a se perguntar qual lugar é. Olegário depois verbaliza essa pergunta, que se pode considerar uma pergunta subordinada à QuD geral (o desejo de Lídia de ir embora) e, portanto, elabora essa QuD. Os casos em (30–32) mostram de novo que as perguntas de elaboração muitas vezes têm um efeito pragmático que se assemelha às funções de desafio ou da pergunta retórica e que por isso, se trata duma distinção gradual. A diferença com essas duas funções reside no fato de que, nos casos de elaboração, o falante da interrogativa não conhece a resposta. Neste sentido, o exemplo (30) apresenta um caso limítrofe, possibilitando as duas leituras.

- (30) *OLEGÁRIO* (num grito estrangulado) - *Me enganando... Me traindo...*
LÍDIA (com expressão de terror) - *Eu vou-me embora. Não fico mais aqui!*
OLEGÁRIO (impulsionando a cadeira, enquanto Lídia recua) - ***Vai embora, para onde?*** (como que caindo em si) *Lídia! Venha cá, Lídia!*

(1941, *A mulher sem pecado*, Nelson Rodrigues)

- (31) *PINHEIRO* - *Faça que o acaso se torne uma realidade; que esta noite de esperança se transforme em anos de felicidade. Aceite o meu amor.*
CAROLINA - ***Para fazer o que dele?***
PINHEIRO - *O que quiser; contanto que me ame um pouco, sim?*

(1858, *Azas de um anjo*, José de Alencar)

- (32) *BEATRIZ* - *Mas como o vejo triste, senhor: ah! Adivinho, que já lhe deram a notícia...*
ADRIANO - ***Notícia de que, mulher?***
BEATRIZ (*Arranjando a mesa*) - *Eu sou discreta... porém, como não é mais um mistério... o senhor Juca do armarinho o tem publicado por todo o quarteirão.*

(1858, *O primo da Califórnia*, Joaquim Manoel de Macedo)

Em último lugar, algumas interrogativas parciais *in-situ* servem não para elaborar uma QuD mas para estabelecer uma nova QuD (33–34). Denomino esta função discursiva de "Novo Tema". Nesta função discursiva, as interrogativas parciais *in-situ* tipicamente aparecem em contextos em que a proposição não está inferida de uma outra proposição do contexto anterior e pedem informação nova. Cabe mencionar que estes casos muitas vezes são introduzidos pela conjunção *e*, que sinaliza que se trata de um novo tema. Mesmo assim, a distinção entre os casos de elaboração e novo tema é frequentemente problemática. Só se encontram casos de [V Wh] na função de novo tema. Isso se deve ao fato de que as interrogativas [V_{nfin} Wh] e [X Wh] dependem sintaticamente do antecedente; a função de novo tema se define pela não dependência do antecedente.

- (33) ABELARDO I - *Pois ouviu mal. Eu estava muito respeitosamente explicando à senhora minha futura mãe que somos de duas gerações diferentes. Ela é um personagem do gra-cioso Wilde. Eu sou um personagem de Freud! [...]*
 D. POLOCA - **E eu Seu Abelardo? Sou personagem de quem?**
 ABELARDO I - *A senhora é colaboração, Castilho e Lamarti-ne ...*
 (1937, *O rei da vela*, Oswald de Andrade)

- (34) NEUSA SUELI - *(Pega a navalha.) Vado, se você dormir, eu te capô, seu miserável!*
 [...]
 VADO - *Sai dessa dança, Sueli. Poxa, que negócio mais zoeira. Você embarca em todas. Poxa, por isso que eu às vezes me invoco com você. Qualquer sarrinho e você perde a esportiva. Que onda! Não sabe brincar? Estava tirando um barato de leve, você já apela, já faz drama. Não pode ser assim, não.*
 NEUSA SUELI - *Você não precisa gastar saliva comigo. É só trepar e pronto. Sou velha, mas quero te ter. Entendeu?*
 VADO - **E precisa de ferro pra quê? Vai me obrigar?**
 NEUSA SUELI - *Vou!*
 (1967, *Navalha na carne*, Plínio Marcos)

A Tabela 2 resume a distribuição dos tipos de interrogativas parciais *in-situ* em função das funções discursivas. Embora cada tipo de interrogativa parcial *in-situ* possa ocorrer em quase toda função, tem diferenças importantes nas suas frequências de uso em cada função. As interrogativas [V Wh] ocorrem nas funções de pergunta retórica, novo tema ou elaboração. A maioria das interrogativas [V_{nfin} Wh] no corpus têm frequentemente a função de elaboração, embora essas estruturas também ocorram nas outras funções discursivas, principalmente na função de pergunta retórica. As interrogativas [X Wh] também são muito típicas na função de elaboração, mas em

comparação com os outros tipos de interrogativas parciais *in-situ*, também têm uma frequência de uso elevada com as funções de repetição e desafio, ou seja, as funções de referência anafórica.

Tabela 2 - Distribuição dos tipos de interrogativas parciais *in-situ* em função das funções discursivas.

	[V Wh]	[V _{nfin} Wh]	[X Wh]	n TOTAL
Repetição	7.8 %	5.3 %	24.5 %	44
Desafio	4.1 %	9.2 %	16.3 %	31
Outloud	2.8 %	6.6 %	0 %	10
Retórica	38.5 %	18.4 %	5.1 %	88
Elaboração	21.6 %	60.5 %	54.1 %	147
Novo tema	25.2 %	0 %	0 %	72
n TOTAL	218	76	98	392

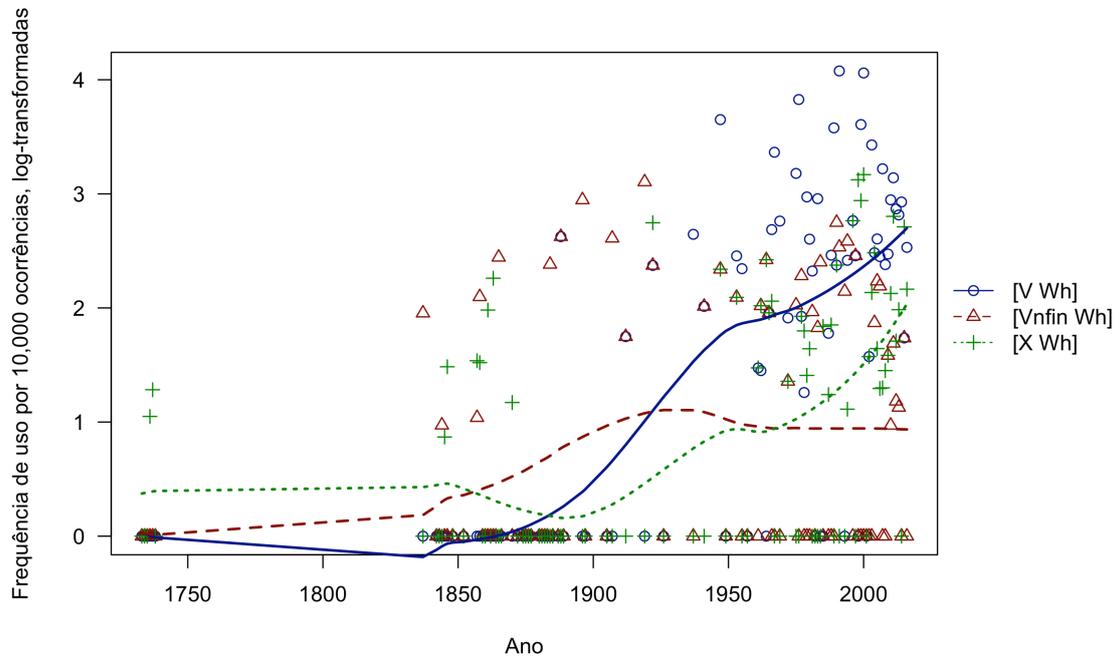
3.2 A dinâmica de uso das interrogativas parciais *in-situ*

Terminada a descrição das funções discursivas das interrogativas parciais *in-situ* no corpus de peças de teatro, posso passar a discutir as mudanças no uso destas interrogativas. O Gráfico 1 resume as frequências de uso das construções [V Wh], [V_{nfin} Wh] e [X Wh] em função do ano de publicação das peças de teatro no corpus. O eixo vertical representa as frequências de uso normalizadas e transformadas em logarítmicas.⁵

O gráfico evidencia mudanças fortes nas frequências de uso dos três tipos de interrogativas parciais *in-situ*. Até aproximadamente 1900, o uso das interrogativas [V_{nfin} Wh] e [X Wh] é mais comum do que o uso das interrogativas [V Wh]. Entre 1850 e 1925, se documenta um incremento na frequência de uso das interrogativas [V_{nfin} Wh], depois o uso destas se estabiliza. Entre 1900 e 2016, se observa um aumento considerável das frequências de uso das interrogativas [V Wh] e [X Wh]. A partir de 1925, as interrogativas [V Wh] são a construção mais comum.

⁵ As frequências de uso foram primeiro normalizadas por 10,000 ocorrências para estabelecer comparabilidade entre os diferentes anos (representados às vezes por mais de uma peça de teatro). Segundo, as frequências foram transformadas em valores logarítmicos, um procedimento comum na linguística de corpus que se motiva na observação de que os valores de frequências geralmente seguem uma distribuição logarítmica.

Gráfico 1 – As frequências de uso brutas das construções [V Wh], [V_{nfin} Wh] e [X Wh], normalizadas por 10,000 ocorrências e transformadas em valores logarítmicos, em função do ano.⁶



É importante sinalizar que estas mudanças nas frequências de uso não podem ser consideradas como evidências para um processo de mudança linguística nestas construções. As interrogativas parciais *in-situ* são muito mais comuns na língua falada do que na língua escrita (KATO; MIOTO, 2005; OUSHIRO, 2011, p. 33-35). Além disso, houve mudanças importantes no gênero "peças de teatro" no português (e nas outras línguas indo-europeias). Ao longo do tempo, as peças de teatro se tornaram mais informais e hoje em dia incorporam, em geral, mais elementos da expressão oral do que antes (ROSEMEYER, no prelo). Por conseguinte, o aumento das frequências de uso das interrogativas poderia ser resultado desta mudança mais geral no gênero textual. Um indício preliminar que parece apoiar esta interpretação é o fato de a análise identificar não só um incremento na frequência de uso das interrogativas [W Wh] mas também das interrogativas [X Wh] e [V_{nfin} Wh]. Pelo fato de que sempre exprimiram uma proposição que pode ser derivada do contexto anterior e por isso não poderem servir para estabelecer uma QuD pouco relacionada com o contexto anterior, é improvável que estas interrogativas tenham se estendido aos contextos de uso associados com as interrogativas parciais *ex-situ*. Para testar esta hipótese, é necessário analisar as mudanças nas

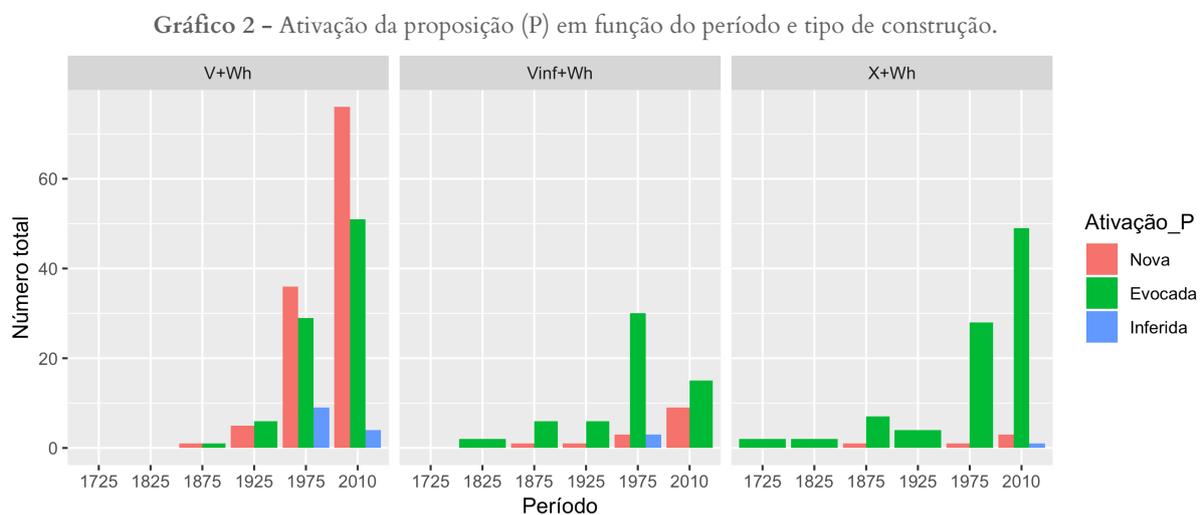
⁶ As linhas alisantes (ingl. "smoother lines") representam os resultados de regressões locais, calculadas com a função *loess()* em R.

interrogativas parciais *in-situ* quanto à ativação da sua proposição e as suas funções discursivas. Essa análise mais granular, que será apresentada agora, sugere que, de fato, o aumento nas frequências destas construções resulta de dum processo de "oralização" das peças de teatro, que não seria reflexo de uma mudança na gramática da fala.

O Gráfico 2 visualiza as mudanças nos três tipos de interrogativas parciais *in-situ* quanto ao grau de acessibilidade da proposição. O eixo vertical representa as frequências de uso das interrogativas de cada tipo com respeito ao grau de acessibilidade. Codifiquei os dados em três categorias: casos em que a proposição é nova (como nos exemplos (33) e (34)), casos em que a proposição foi mencionada no contexto anterior (como nos exemplos (25) e (30)) e casos em que a proposição foi derivada dum antecedente por meio duma inferência pragmática (como no exemplo (35) abaixo, em que a proposição da interrogativa ("A Lídia e o Marcos separaram") pode ser inferida do fato de que Lídia fala do "nosso divórcio").

- (35) *LÍDIA: Eu não suportava mais o Marcos... não conseguia encará-lo, nosso divórcio foi um alívio... acho que ele também sentia a mesma coisa.*
*NICE: **Separaram há quantos anos?***
LÍDIA: Que ele saiu desta casa tem quatro meses... mas, separados... em relações... inclusive físicas tem 2 anos.

(1983, *Fim de caso*, Aziz Bajur)



O Gráfico 2 indica uma clara diferença entre as interrogativas [V Wh] por um lado, e as interrogativas [V_{nfin} Wh] e [X Wh] por outro lado. As interrogativas [V_{nfin} Wh] e [X Wh] ocorrem quase sempre em contextos em que a proposição está ativada, ou seja, foi mencionada no contexto anterior. Embora comecem a ser utilizadas mais frequentemente, estas construções basicamente mantêm esta distribuição. A única exceção é o uso das interrogativas [V_{nfin} Wh] no século XXI, no qual $n=8/15$, ou seja, 33 por cento dos casos têm proposições codificadas como novas no contexto.

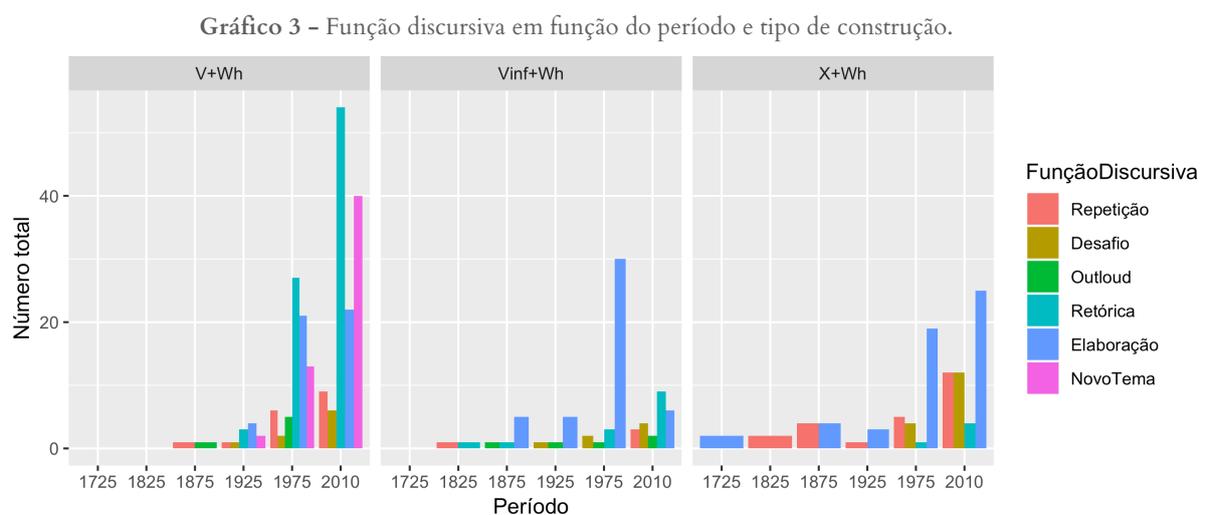
Pelo contrário, se documenta um aumento no uso das interrogativas [V Wh] com proposições que não derivam de um antecedente no contexto. A Tabela 3 resume este aumento utilizando percentagens. A proporção do uso das interrogativas [V Wh] com a proposição nova aumenta de 45.5 por cento na primeira metade do século XX a 58 por cento nos primeiros 15 anos do século XXI. Cabe sinalizar que de acordo com a prova estatística Fisher Yates (PEDERSEN, 1996; STEFANOWITSCH; GRIES, 2003, p. 218), a distribuição só alcança significância estatística marginal ($p < .01$).

Tabela 3 - Função discursiva das interrogativas [V Wh] em função do período (1900–2016), percentagens⁷.

	1900–1949	1950–1999	2000–2016
Nova	45.5 %	48.6 %	58 %
Evocada	54.4 %	39.2 %	38.9 %
Inferida	0 %	122 %	3.1 %
n TOTAL	11	74	131

No entanto, esta mudança no grau de acessibilidade da proposição das interrogativas parciais *in-situ* também pode ser considerada evidência de uma mudança gramatical, porque, como vimos na seção 4.1, nos contextos nos quais a proposição não está ativada as interrogativas parciais *in-situ* podem ter ao menos três possíveis funções discursivas: novo tema, pergunta retórica e *outloud*.

O Gráfico 3 visualiza as mudanças nas funções discursivas das interrogativas parciais *in-situ* no corpus de peças de teatro. O eixo vertical representa as frequências de uso das interrogativas de cada tipo quanto às funções discursivas descritas na seção 4.1.



⁷ Na Tabela 3, se excluem os casos de interrogativas [V Wh] da segunda metade do século XIX, porque o seu número é muito reduzido para a contagem.

De acordo com os resultados apresentados na Tabela 2, o uso das interrogativas [V_{nfin} Wh] e [X Wh] é muito frequente com a função discursiva de elaboração. Apesar disso, se constata uma mudança interessante nos seus perfis funcionais nos últimos anos. Por um lado, as interrogativas [V_{nfin} Wh] se tornam mais frequentes na função de pergunta retórica nos textos datados depois de 2000. Já que no mesmo período não se documenta um aumento do uso destas interrogativas na função de Novo Tema, o aumento das interrogativas [V_{nfin} Wh] em contextos nos quais a proposição não está ativada parece ser resultado do aumento do seu uso em função de pergunta retórica.

O mesmo acontece no caso nas interrogativas [V Wh], cujo uso com a função de pergunta retórica aumenta de maneira contínua entre 1900 e 2016. Outra vez, resumo este aumento utilizando percentagens, na Tabela 4. A proporção do uso das interrogativas [V Wh] na função de pergunta retórica aumenta uniformemente de 27.3 por cento na primeira metade do século XX a 41.2 por cento nos primeiros 15 anos do século XXI. Ao mesmo tempo, o seu uso na função de novo tema se mantém relativamente estável no século XX e somente se documenta um incremento na frequência de uso dessa função nos textos do século XXI. A função discursiva que está sendo suplantada é a de elaboração, cuja frequência relativa desce de 36.4 por cento a 16.8 por cento. A distribuição alcança o limiar de significância estatística de acordo com a prova Fisher-Yates ($p < .05^*$).

Tabela 4 - Função discursiva das construções [V Wh] em função do período (1900–2016), percentagens⁸.

	1900–1949	1950–1999	2000–2016	<i>n</i> TOTAL
Repetição	9.1 %	8.1 %	6.9 %	16
Desafio	9.1 %	2.7 %	4.6 %	9
Outloud	0 %	6.8 %	0 %	5
Retórica	27.3 %	36.5 %	41.2 %	84
Elaboração	36.4 %	28.4 %	16.8 %	47
NovoTema	18.2 %	17.6 %	30.5 %	55
<i>n</i> TOTAL	11	74	131	216

4. Discussão dos resultados e considerações finais

No final da seção 2, se estabeleceram três hipóteses sobre as mudanças no uso das interrogativas parciais *in-situ* à base das considerações gerais sobre o funcionamento das interrogativas parciais e a comparação com as outras línguas românicas:

⁸ Na Tabela 4, se excluem os casos de interrogativas [V Wh] da segunda metade do século XIX, porque o número deles é muito reduzido para a contagem.

- H1: Houve uma extensão não somente da frequência, mas também nos contextos de uso, ou seja, as funções discursivas, das interrogativas parciais *in-situ* no PB.
- H2: A função discursiva de elaboração parece mais básica para o uso das interrogativas parciais *in-situ* que a função discursiva de novo tema, pelo que se poderia supor que tais contextos foram cruciais para a extensão funcional das interrogativas parciais *in-situ*.
- H3: As construções [V_{nfin} Wh] e [X Wh], pelo fato de dependerem muito mais do antecedente na sua estrutura sintática, têm um potencial muito reduzido da extensão funcional.

Os resultados da análise apresentada neste artigo ratificam estas hipóteses só parcialmente. A respeito da hipótese 1, a análise reproduz um resultado importante da literatura prévia sobre a história das interrogativas parciais no PB, isto é, a conclusão de que houve um aumento na frequência de uso das interrogativas parciais *in-situ*. A análise mostra que a distinção entre as construções [V Wh], [V_{nfin} Wh] e [X Wh] é importante para a descrição desta mudança, já que a frequência de uso das interrogativas [V Wh] aumenta mais do que a frequência dos outros tipos de construções *in-situ*.

No entanto, diversos indícios demonstram que esse aumento das frequências de uso não deveria ser interpretado como uma mudança gramatical na oralidade. Em primeiro lugar, a análise documenta não só um incremento do uso das interrogativas [V Wh], mas também das interrogativas [V_{nfin} Wh] e [X Wh], apesar de que as funções discursivas das interrogativas [V_{nfin} Wh] e [X Wh] não parecem experimentar mudanças sérias com respeito aos seus contextos de uso (Hipótese 3). Por conseguinte, é provável que o aumento da frequência de uso tanto das interrogativas [V_{nfin} Wh] e [X Wh] como [V Wh] se deve pelo menos parcialmente ao fato de que as peças de teatro chegaram a apresentar a língua falada com mais exatidão ou bem se afrouxaram as normas de uso neste gênero textual. Em segundo lugar, a análise mostrou que apesar de se documentar uma extensão dos contextos de uso das interrogativas [V Wh], essa extensão não se deve a um contexto de uso muito típico para a língua falada. As interrogativas [V Wh] se tornaram mais comuns em contextos em que a sua proposição não está ativada, ou seja, não pode ser derivada do contexto prévio. No entanto, essa extensão não pode ser caracterizada como uma extensão aos contextos típicos de uso das interrogativas parciais *ex-situ* (a saber, a função discursiva de Novo Tema). Em vez disso, o processo de extensão funcional se deve à crescente convencionalidade das perguntas retóricas [V Wh] no corpus. Depois da segunda metade do século XX, os autores das peças de teatro começam a utilizar as estruturas [V Wh] como marcadores convencionais para a expressão das perguntas retóricas. Trata-se, portanto, de uma mudança interna do gênero textual das peças de teatro que não necessariamente corresponde ao uso das interrogativas parciais na língua falada. Cabe sinalizar que se documenta a mesma mudança de

forma mais limitada para as interrogativas [V_{nfin} Wh], cuja frequência de uso em função retórica aumenta no século XXI.

A respeito da Hipótese 2, a análise mostrou que em termos de ordem cronológica, a função de elaboração parece muito básica para o uso das interrogativas [V Wh]; até o início do século XXI é a função discursiva mais frequente nas peças de teatro. No entanto, se evidenciou que o uso de [V Wh] em função de Novo Tema é também frequente nas peças de teatro mais antiga no corpus. Por conseguinte, a análise não respalda a Hipótese 2. Cabe, porém, apontar que esse resultado também não refuta a Hipótese 2; simplesmente poderia ser que o processo histórico assumido ocorreu na língua falada e não ficou refletido no corpus textual das peças de teatro. Para avaliar esta hipótese, seria necessária uma análise da evolução funcional das interrogativas parciais *in-situ* num corpus diacrônico da língua falada.

Um problema de análise relacionado, que poderia talvez ser remediado num futuro estudo, é a falta de um quadro de referência. É provável que, em relação às interrogativas parciais *ex-situ* (tanto clivadas como não clivadas), o uso das interrogativas parciais *in-situ* é menos frequente na função de Novo Tema. Por isso, uma comparação da evolução funcional destas estruturas também renderia mais certeza sobre a natureza do processo de mudança de [V Wh] no PB.

Referências bibliográficas

- AUER, Peter. Syntax als Prozess. *In*: HAUSENDORF, Heiko (Ed.). **Gespräch als Prozess. Linguistische Aspekte der Zeitlichkeit verbaler Interaktion**. Tübingen: Narr, 2007. p. 95-124.
- AUER, Peter. The temporality of language in interaction: projection and latency. **Interaction and Linguistic Structures**, 54, p. 1-25, 2014.
- BENZ, Anton; JASINSKAJA, Katja. Questions under Discussion: From sentence to discourse. **Discourse Processes**, 54 (3), p. 177-186, 2017.
- BIEZMA, María. Givenness and the difference between wh-fronted and wh-in-situ questions in Spanish. *In*: BERNS, Janine; JACOBS, Haike; NOUVEAU, Dominique (Eds.). **Romance Languages and Linguistic Theory: Selected Papers for Going Romance 29**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2018. p. 21-39.
- CEROVIĆ, Marijana. When suspects ask questions: Rhetorical questions as a challenging device. **Journal of Pragmatics**, 105, p. 18-38, 2016.
- CHERNOVA, Ekaterina. **The Syntax of wh-Movement in Multiple (True and Echo) Questions: A Q-Particle Approach**. Tese (Doutorado em Linguística). Universitat de Girona, Girona, 2015.
- DE PAULA, Mayara Nicolau. A ordem VS/SV em interrogativas-Q: um estudo diacrônico em peças teatrais brasileiras e portuguesas. *In*: BAALBAKI, Angela; CARDOSO, Janaína; ARANTES, Poliana; BERNARDO, Sandra (Eds.). **Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras, 2015. p. 585-595.
- DE PAULA, Mayara Nicolau. A comparative diachronic analysis of wh-questions in Brazilian and European Portuguese. **Diadorim**, 19, p. 173-196, 2017.
- DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. *In*: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (Eds.). **New Reflections on Grammaticalization**. Amsterdam, Philadelphia: Benjamins, 2002. p. 103-120.
- DIEWALD, Gabriele. Context types in grammaticalization as constructions. **Constructions**, 1 (9), p. 1-29, 2006.
- DUARTE, Maria Eugênia L. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil. **D.E.L.T.A.**, 8, p. 37-52, 1992.
- ENGDAHL, Elisabeth. Information packaging in questions. *In*: BONAMI, Olivier; CABREDO HOFHERR, Patricia (Eds.). **Empirical Issues in Syntax and Semantics**, 6. Paris: CSSP, 2006. p. 93-111.

- FIENGO, Robert. **Asking Questions**. Using Meaningful Structure to Imply Ignorance. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- GINZBURG, Jonathan. Interrogatives: questions, facts and dialogue. *In*: LAPPIN, Shalom (Ed.). **The Handbook of Contemporary Semantic Theory**. Oxford: Basil Blackwell, 1996. p. 385–422.
- GINZBURG, Jonathan. **The Interactive Stance**: Meaning for Conversation. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- GINZBURG, Jonathan; SAG, Ivan A. **Interrogative Investigations**. Stanford, CA: CSLI, 2001.
- GRICE, Paul. Logic and Conversation. *In*: COLE, Peter; MORGAN, James L. (Eds.). **Syntax and Semantics: Speech acts**. New York: Academic, 1975. p. 41–58.
- HAMBLIN, Charles L. Questions in Montague English. **Foundations of Language**, 10, p. 41–53, 1973.
- HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. *In*: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (Eds.). **New Reflections on Grammaticalization**. Amsterdam, Philadelphia: Benjamins, 2002. p. 83–101.
- HEINEMANN, Trine. Questions of accountability: yes-no interrogatives that are unanswerable. **Discourse Studies**, 10, p. 55–71, 2008.
- KABATEK, Johannes. ¿Es posible una lingüística histórica basada en un corpus representativo?. **Iberoromania**, 77 (1), p. 8–28, 2013.
- KATO, Mary A. Deriving wh-in-situ through movement. *In*: CAMACHO-TABOADA, Victoria; GIMÉNEZ FERNÁNDEZ, Ángel L.; MARTÍN-GONZÁLEZ, Javier; REYES-TEJEDOR, Mariano (Eds.). **Information Structure and Agreement**. Philadelphia, Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 175–191.
- KATO, Mary A. Focus and wh-questions in Brazilian Portuguese. *In*: TORRES CACOULOS, Rena; DION, Nathalie; LAPIERRE, André (Eds.). **Linguistic Variation. Confronting Fact and Theory**. London: Routledge, 2014a. p. 111–130.
- KATO, Mary A. The Role of the Copula in the Diachronic Development of Focus Constructions in Portuguese. *In*: CÔTÉ, Marie-Hélène; MATHIEU, Éric (Eds.). **Variations within and Across Romance Languages**. Amsterdam, Netherlands: Benjamins, 2014b. p. 297–313.
- KATO, Mary A.; MIOTO, Carlos. A multi-evidence study of European and Brazilian Portuguese wh-questions. *In*: REIS, Marga; KEPSEK, Stephan (Eds.). **Linguistic Evidence: Empirical, Theoretical and Computational Perspectives**. Berlin, New York: De Gruyter, 2005. p. 307–328.
- KATO, Mary A.; RAPOSO, Eduardo. European and Brazilian Portuguese word order: questions, focus and topic constructions. *In*: PARODI, Claudia; QUICOLI, Carlos; SALTARELLI,

- Mario; ZUBIZARRETA, Maria Luisa (Eds.). **Aspects of Romance Linguistics**. Selected Papers from the LSRL XXVI. Washington: Georgetown University Press, 1996. p. 267-278.
- KATO, Mary A.; RIBEIRO, Ilza. **Cleft sentences and wh-questions in Brazilian Portuguese: a diachronic analysis**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- KATO, Mary A.; RIBEIRO, Ilza. Cleft sentences from Old Portuguese to Modern Portuguese. In: DUFTER, Andreas; JACOB, Daniel (Eds.). **Focus and Background in Romance Languages**. Amsterdam, Philadelphia: Benjamins, 2009. p. 123-154.
- KOSHIK, Irene. Wh-questions used as challenges. **Discourse Studies**, 5, p. 51-77, 2003.
- LOPES ROSSI, Maria Aparecida. **A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do português**. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP, Campinas, 1996.
- OUSHIRO, Livia. **Um análise variacionista para as Interrogativas-Q**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- PEDERSEN, Ted. Fishing for exactness. In: **Proceedings of the SCSUG**, 96. Austin, 1996. p. 188-200.
- PINHEIRO, Diogo; MARINS, Juliana. A trajetória das interrogativas QU- clivadas e não clivadas no Português Brasileiro. In: DUARTE, Maria Eugênia L. (Ed.). **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 161-179.
- PIRES, Acrísio; TAYLOR, Heather L. The syntax of wh-in-situ and Common Ground. **Proceedings from the Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society**, 43(2), p. 201-215, 2007.
- REYNOLDS, Edward. Enticing a challengeable in arguments: sequence, epistemics and preference organisation. **Pragmatics**, 21 (3), p. 411-430, 2011.
- ROBERTS, Craige. Focus, the flow of information, and Universal Grammar. In: CULICOVER, Peter W.; MCNALLY, Louise (Eds.). **The Limits of Syntax**. Malden: Blackwell, 1998. p. 109-160.
- ROBERTS, Craige. Context in dynamic interpretation. In: HORN, Laurence R.; WARD, Gregory (Eds.). **The Handbook of Pragmatics**. Malden: Blackwell, 2004. p. 197-220.
- ROSEMEYER, Malte. **PorThea**: a historical corpus of Portuguese theater plays. Acessível em linha em <http://www.romanistik.uni-freiburg.de/rosemeyer/05corpus.html>. Último acesso 27 de maio 2019, 2019.
- ROSEMEYER, Malte. Actual and apparent change in Brazilian Portuguese *wh*-interrogatives. **Language Variation and Change**, no prelo.
- STEFANOWITSCH, Anatol; GRIES, Stefan. Collostructions: investigating the interaction of words and constructions. **International Journal of Corpus Linguistics**, 8 (2), p. 209-243, 2003.

STIVERS, Tanya; ENFIELD, Nicholas J. A coding scheme for question–response sequences in conversation. **Journal of Pragmatics**, 42, p. 2620–2626, 2016.

VAN KUPPEVELT, Jan. **Discourse structure, topicality and questioning**, 31 (1), p. 109–147, 1995.

VON STUTTERHEIM, Christiane; KLEIN, Wolfgang. Text structure and referential movement. In: DIETRICH, Rainer; GRAUMANN, Carl F. (Eds.). **Language Processing in Social Context**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1989. p. 39–76.

WALTEREIT, Richard. Inferencing, reanalysis, and the history of the French *est-ce* que question. **Open Linguistics**, 4, p. 35–48, 2018.